

O esplendor da caridade: reflexões religiosas sobre o amor nas *Confissões* de Santo Agostinho

The splendor of charity: Religious reflections on love in the Confessions of Saint Augustine

Elton Roney da Silva Carvalho¹
Ana Beatriz de Andrade Borba Delgado²

RESUMO

Este artigo apresenta a filosofia agostiniana do amor, em que a caridade é destacada como a mais elevada manifestação do amor, orientando os demais afetos humanos. O estudo concentrou-se na obra *Confissões* de Santo Agostinho, conhecido como o *Santo Doutor do Amor*, abordando o tema do amor e das virtudes, além de contribuir para os estudos sobre a religiosidade humana. O texto enfatiza a busca pela verdade, a transformação do coração e a prática da caridade como expressões autênticas do amor, ressaltando que a formação de um caráter virtuoso conduz à felicidade. Os resultados demonstram que, para Santo Agostinho, a ordem do amor é fundamental para a prática genuína da caridade, que ele considera o objetivo final da formação religiosa, reverberando no amor a Deus e ao próximo.

Palavras-chave: Filosofia Agostiniana. Amor. Caridade. Ordo Amoris. Santo Agostinho.

ABSTRACT

This article presents Augustine's philosophy of love, where charity is highlighted as the highest manifestation of love, guiding other human affections. The study focused on the work *Confessions* by Saint Augustine, known as the "Doctor of Love," addressing the themes of love and virtues, and contributing to studies on human religiosity. The text emphasizes the pursuit of truth, the transformation of the heart, and the practice of charity as authentic expressions of love, highlighting that the formation of a virtuous character leads to happiness. The findings demonstrate that, for Saint Augustine, the order of love is fundamental to the genuine practice of charity, which he considers the ultimate goal of religious formation, resonating in the love of God and neighbor.

Keywords: Augustinian Philosophy. Love. Charity. Ordo Amoris. Saint Augustine.

¹ Doutorando em Ciências das Religiões pela UFPB. E-mail: eltonsilvacarvalho@hotmail.com

² Mestranda em Ciências das Religiões pela UFPB. E-mail: anabeatriz.acad@gmail.com

Introdução

A filosofia agostiniana, conhecida como a filosofia do amor, fundamenta-se nos pensamentos de Agostinho de Hipona, por vezes referido como o *Santo Doutor do Amor*. Nascido na África em 354, ele dedicou sua vida a uma busca fervorosa pela verdade, culminando em sua ordenação como bispo de Hipona, uma antiga cidade romana situada na costa norte da África. Ele, à frente de seu tempo, introduziu o conceito de uma filosofia na primeira pessoa, uma abordagem inovadora que nenhum filósofo da antiguidade havia explorado (Matthews, 2007, p. 7). Santo Agostinho propôs que o primeiro critério de certeza fosse o *eu*; contudo, foi além, afirmando que o *eu*, embora ciente de sua própria existência, não é o fundamento de si mesmo. Isso revela a necessidade de um Ser Transcendente, identificado por Santo Agostinho como Deus. Em sua filosofia, Deus é a base ontológica que sustenta toda a existência.

Com efeito, ao contrário de Descartes, o Santo de Hipona não concebe o *eu* como um conceito lógico abstrato, mas como uma narrativa biográfica, um *eu* que vive uma história. Em sua obra *Confissões*, Santo Agostinho narra sua trajetória de forma profundamente pessoal e autobiográfica, destacando a importância dos eventos de sua vida na compreensão de que ele não é o autor de sua própria existência. Essa reflexão conduz à ideia de que existe algo maior do que ele, que o criou e o impele a existir, a se mover e, principalmente, a amar.

Nesse contexto, ao investigar questões como a identidade, a origem e o destino do ser humano, a filosofia agostiniana ressalta que as respostas emergem do coração; é por meio do amor que se encontra o verdadeiro significado. O amor, presente em diversas tradições ao redor do mundo, leva as pessoas a se dedicarem a um objeto de afeição, incluindo o cultivo do amor-próprio. No entanto, definir o amor é uma tarefa complexa, pois demanda um grau de abstração; não é possível tocá-lo ou atribuir-lhe uma forma concreta. Apesar dessa dificuldade, as pessoas persistem em afirmar que amam, mesmo quando a definição precisa do amor permanece elusiva. O fato incontestável é que a capacidade de amar é uma realidade intrínseca à experiência humana.

Destarte, Santo Agostinho não apenas consagrou o coração como o *locus* do amor, mas também elucidou a complexidade da natureza desse amor, situado na relação indivisível entre o homem e Deus. Sua reflexão sobre o amor fundamenta-se em experiências, utilizando uma abordagem dialógica guiada pela sabedoria revelada de Deus.

Para o *Santo Doutor do Amor*, a bondade humana não se resume apenas ao reconhecimento do bem, mas à capacidade de amar aquilo que merece ser amado, guiando-se por esse amor como uma *bússola* volitiva. Nesse sentido, Santo Agostinho distingue duas formas de amor: a "*caritas*" (caridade), que direciona para o bem supremo, o próprio Deus, e um segundo tipo de amor, voltado para os bens terrenos, "*concupiscentia*" (concupiscência), termo que se refere ao amor centrado nos desejos mundanos e nos prazeres temporais, considerado inferior à caridade, que é dirigida a Deus.

Assim, a proposta agostiniana de amar a si mesmo e ao próximo está intrinsecamente ligada ao amor em Deus, reconhecendo-o como o critério supremo de verdade, bondade e beleza. Segundo a filosofia agostiniana, o verdadeiro amor reside no coração do homem feliz, cuja origem é eternamente ligada a Deus. Amar a Deus acima de todas as coisas constitui a essência do verdadeiro amor, que serve como o alicerce para a vontade e a escolha do objeto digno de afeição.

Existe, portanto, uma correlação intrínseca entre o amor a Deus e o amor ao próximo, caracterizada por uma dependência mútua e indissociável. O amor pelo próximo é uma expressão do amor a Deus, e, por sua vez, o amor a Deus é evidenciado pelo amor ao próximo. Esse princípio é fundamental para o cumprimento da Lei dos Profetas, refletindo a essência dos mandamentos e estabelecendo-se como o núcleo da tradição cristã, altamente valorizada na Teologia e na Filosofia de Santo Agostinho. No entanto, é importante observar que, embora exista uma correlação entre esses dois aspectos do amor, pode-se estabelecer uma ordem de prioridade: o amor a Deus deve ser considerado superior a todas as coisas, pois dele frui todo o amor.

Este trabalho tem como propósito apresentar a caridade como a forma mais virtuosa e elevada de amor, capaz de ordenar e hierarquizar outros tipos de amor. Para atingir os objetivos propostos, adotamos uma abordagem centrada em uma revisão dos escritos de Santo Agostinho, com especial atenção às suas reflexões sobre a caridade e o amor, conforme expresso em suas *Confissões*.

Inicialmente, apresentamos o *ordo amoris* (ordem do amor) na filosofia agostiniana, enfatizando que a priorização do *amor ad Deum* (amor a Deus) constitui o alicerce essencial para o amor ao próximo. Neste contexto, a *caritas* (caridade) é compreendida como a plenitude do amor, que se manifesta na prática de amar aquilo que deve ser amado.

Em seguida, a análise se aprofunda na desordem do amor, elucidando suas implicações na consciência e, por conseguinte, nos relacionamentos interpessoais. Após isso, exploramos o *splendor caritatis* (esplendor da caridade), refletindo sobre o cultivo das virtudes, com referência à interpretação tomasiana, que impacta não apenas o indivíduo, mas toda a comunidade. Destacando a natureza transformadora da caridade, que promove uma mudança na vivência das virtudes.

Na conclusão, sintetizamos as principais reflexões apresentadas, ressaltando a importância da caridade para a formação de um caráter íntegro e discutindo a relevância contemporânea desses princípios.

1. *Ordo Amoris*

Em seus escritos autobiográficos em forma de confissões a Deus, Santo Agostinho narra sua vida desde a infância até sua conversão ao cristianismo. As *Confissões* não apenas refletem sobre eventos específicos da vida do autor, mas também utiliza a introspecção para abordar questões filosóficas e teológicas profundas. Considerada uma

das primeiras autobiografias da história, é amplamente admirada por sua sinceridade e profundidade. O bispo conduz o leitor a sondar a sua própria alma, revelando a inquietude de seu coração e sua incessante busca por repouso. Ele manifesta um impulso por algo que, embora desconhecido para ele na época, clamava pela dedicação de seu amor.

Para Santo Agostinho, o amor é uma potência que ordena e hierarquiza outros afetos, revelando-se como o epicentro do coração humano. O coração, nesse sentido, estabelece a orientação mais visceral dos anseios do ser, funcionando como a potência da vontade da alma. Uma das frases mais conhecidas do *Santo Doutor do Amor*, "Tu mesmo que incitas ao deleite no teu louvor, porque nos fizeste para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso" (*Confissões*, I, p. 2), reflete a condição humana inquieta e incessantemente em busca do Amado, até encontrar seu verdadeiro repouso.

Na filosofia agostiniana, o *ordo amoris* refere-se à ordem do amor, a qual estabelece que o ser humano deve amar as coisas conforme sua importância intrínseca, criando uma hierarquia com o amor a Deus como o principal. Considera que a ordem correta do amor é o caminho para alcançar a plenitude genuína; ao direcionar nosso coração prioritariamente a Deus, encontramos a verdadeira satisfação. Em síntese, para Santo Agostinho, a felicidade consiste em amar a Deus acima de tudo, conforme os termos designados por Deus, ou seja, organizando as prioridades de forma que Deus ocupe o lugar mais elevado, seguido por seres conscientes, seres vivos e, por último, os objetos da criação divina.

Os corpos tendem, por seu peso, para o lugar que lhes é próprio; mas um peso não tende só para baixo; tende para o lugar que lhe é próprio. O fogo sobe, a pedra cai. Cada um é movido por seu peso, e tende para seu justo lugar. O óleo, lançado à água, flutua; a água, lançada ao óleo, afunda. Ambos são impelidos por seu peso a procurarem o lugar que lhes é próprio. As coisas que não estão em seu lugar se agitam; mas quando o encontram, repousam. Meu peso é meu amor; para onde quer que eu vá, é ele quem me leva. Teu dom nos inflama e nos eleva; ardemos e partimos. Subimos os degraus do coração e cantamos o cântico gradual. É o teu fogo, o teu fogo benfazejo que nos consome e nos eleva, enquanto subimos para a paz de Jerusalém celeste. (Agostinho, *Confissões*, IX, 2007, p. 147).

A analogia entre a gravidade e o coração é esclarecedora no pensamento agostiniano: o coração representa a câmara existencial do amor, que orienta o ser humano de forma semelhante à maneira como a gravidade influencia os corpos materiais. Assim como a gravidade exerce uma força universal, o amor age como a força que direciona o ser humano em busca do repouso beatífico da felicidade.

Para o bispo de Hipona, os desejos direcionam o homem na sua busca por um propósito mais elevado (Smith, 2017, p. 45). Desde o início da vida, o amor se manifesta na ambição por objetos materiais e na busca pelo conforto proporcionado pelos cuidados maternos. No entanto, Agostinho observa que, ao longo do tempo, essa busca frequentemente resulta em frustração e insatisfação, uma vez que os prazeres

temporários e os bens perecíveis não conseguem satisfazer plenamente o anseio profundo da alma.

Segundo a perspectiva agostiniana, é necessário redirecionar esse desejo para Deus, reconhecendo que apenas um Ser Transcendente pode proporcionar uma satisfação verdadeira e duradoura para o anseio humano. Essa reorientação do desejo permite que o coração encontre um repouso genuíno e duradouro, superando as limitações e insatisfações associadas aos prazeres efêmeros e às posses transitórias. Ao alinhar o amor e o desejo com Deus, o ser humano alcança uma plenitude para além do material.

2. *Caritas*: amar o que deve ser amado

Através de sua escrita, Santo Agostinho manifesta um anseio genuíno e insaciável por compreensão, percebendo em Deus a substância última e o fundamento da consciência e da verdade. Para ele, alcançar essa compreensão plena exige uma reorientação da potência volitiva da alma, direcionando-a para o Divino. Assim, não apenas apresenta suas concepções filosóficas e teológicas, mas também oferece um retrato vívido de sua experiência espiritual.

Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém me chamastes com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brillhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o, a plenos pulmões, suspirando por Vós. Eu vos saboreei, e agora tenho fome e sede de Vós. Vós me tocastes e ardi no desejo da vossa paz. (Agostinho, *Confissões*, XXVII, 2007, p. 104).

O arrependimento de Santo Agostinho revela-se em sua busca tardia pela compreensão da verdade. Assim, ele reflete sobre o tempo perdido na busca por prazeres efêmeros, enquanto a beleza eterna e atemporal de Deus sempre esteve presente. O reconhecimento da surdez espiritual e a resposta por meio de uma "voz tão forte" simbolizam a convocação que desperta a sua consciência e dissipa a cegueira, assim como um perfume que cativa e atrai. O bispo Agostinho frequentemente estabelece conexões entre suas experiências sensoriais e a dimensão da alma, como exemplificado pela sensação do perfume divino "a plenos pulmões". Isso expressa a presença profunda e intensa de Deus e a realização do que ele ansiava.

Assim, da "escuridão para a luz", o filósofo descreve um coração que agora ama verdadeiramente aquilo que merece ser amado. O que antes estava desordenado encontra um alinhamento harmonioso, trazendo verdadeira felicidade. Nesse estado, a alma, a substância racional capaz de governar o corpo de maneira adequada, encontra repouso. Essa transformação é viabilizada pela fé concedida por Deus, que proporciona a visão e a compreensão correta da realidade.

A alma, agora feliz, é aquela que apreende a verdade das coisas criadas, conferindo significado e desenvolvendo-se na caridade, isto é, no pleno exercício do amor. Para Santo Agostinho, aqueles que carecem dessa orientação interna, resultante da união da mente e do coração, enfrentam dificuldades para tomar decisões conscientes e frequentemente são dominados por impulsos desordenados. Apenas quando Deus, através da fé buscada, possibilita tal reconhecimento, é que é possível perceber a própria surdez e cegueira. Portanto, no contexto da tradição filosófico-teológica agostiniana, é comum que os indivíduos cultivem afetos por aquilo que não merece verdadeira devoção. Suas almas permanecem vazias e desprovidas de plenitude, pois priorizam amores desordenados que não conduzem a uma consciência plena da realidade criada.

As almas sedentas de ti, que aparecem a teu olhos separadas do mar com outra finalidade, tu as regas com um orvalho vivo, misterioso e doce, para que a terra produza seu fruto. E a terra o produz; ao teu comando, ó Senhor que és seu Deus, nossa alma germina obras de misericórdia, de acordo com sua condição: ela ama o próximo e vai em auxílio de suas necessidades materiais. Carrega em si a semente da compaixão, por uma semelhança de natureza, porque é o sentimento de nossa fraqueza que nos leva a compadecer as misérias dos que são necessitados, a socorre-los, como desejaríamos que nos socorressem se tivéssemos as mesmas necessidades. E não se trata só de dar apoio fácil, como ervas nascidas de sementes, mas de proteção enérgica, vigorosa como a árvore que carrega frutos, símbolos das obras que arrebatam à mão do poderoso a vítima da injustiça, dando-lhe um abrigo à sombra protetora de um julgamento justo. (Agostinho, *Confissões*, XVII, 2007, p. 150).

Na obra *Confissões*, o homem verdadeiramente capaz de amar, possui uma alma regada por um "orvalho vivo, misterioso e doce", uma metáfora para a ação divina que vivifica e fortalece sua essência. Essa nutrição espiritual capacita a alma a produzir frutos de misericórdia, que são uma resposta à orientação de Deus. Nessa perspectiva, a caridade vai além de um mero gesto superficial; é uma resposta enraizada no coração. Ela se manifesta como uma predisposição para a compaixão, oriunda do reconhecimento da fragilidade compartilhada da natureza humana.

A compreensão da verdade e da justiça, na tradição filosófico-teológica de Santo Agostinho, serve como o fundamento da caridade. Essa virtude leva o indivíduo a sentir compaixão pelas misérias alheias, emergindo de uma consciência que discerne o bem e de um coração ordenado, como ensinado pelo *Santo Doutor do Amor*. O reconhecimento da presença do mal no mundo realça a caridade como uma virtude intrinsecamente ligada à consciência do bem e à ordem interior da alma. A vulnerabilidade humana, inerente à nossa condição existencial, aproxima as pessoas ao revelar uma humanidade compartilhada, o que é fundamental para a caridade genuína.

Esse olhar atento para o próximo permite compreender que suas necessidades são tão essenciais quanto as próprias, refletindo a busca universal pela felicidade. Na visão agostiniana, a caridade não se limita a um gesto superficial, mas é uma expressão do amor que, ao ser vivida, promove tanto a paz quanto a justiça social.

Ouçõ e considero todas essas teorias, mas não quero discutir por questões de palavras, o que não serve para nada, senão para a confusão dos ouvintes. Pelo contrário, a lei é boa para a edificação se dela se faz uso legítimo, porque sua finalidade é a caridade que nasce de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé não fingida. Nosso Mestre sabe quais dos dois preceitos em que resumiu toda a lei e os profetas. A mim, que observo com zelo tais preceitos, ó meu Deus, luz de meus olhos na escuridão, que me importa que possa encontrar sentidos diferentes para essas palavras, se todos são verdadeiros? Que me interessa, digo eu, que outros compreendam o texto de Moisés de modo diferente do meu? Nós todos que o lemos procuramos indagar e compreender o pensamento do autor. E como o julgamos verídico, não ousamos admitir que ele pusesse dizer o que sabemos ou o que consideramos falso. Assim, nos esforços que fazemos para compreender, na Escritura Sagrada, a ideia que o escritor quis transmitir, onde está o mal se o leitor interpreta o sentido que tu, Luz de todas as inteligências sinceras, lhe fazes parecer verdadeiro, embora talvez não tenha sido este o pensamento do autor? E considerando que ele, pensando de outra maneira, só pensou verdades? (Agostinho, *Confissões*, XVIII, 2007, p. 136).

Portanto, a caridade cumpre o mandamento central da Lei dos Profetas, destacando-se como a expressão mais elevada do amor a Deus e ao próximo. Um coração devidamente ordenado manifesta-se por meio da prática da caridade, que é impulsionada por uma boa consciência e pela fé sincera na interpretação da Lei.

De acordo com o bispo Agostinho, essa é a única forma de amor que, quando corretamente exercida, não permite abusos, sendo uma força transformadora que promove o bem. Por outro lado, qualquer tipo de amor que não observe o *ordo amoris* é desordenado e, portanto, falso. Desviar-se dessa ordem resulta em um amor inautêntico (Silva, Figueiredo, 2021, p. 20).

3. A desordem do Amor

Em Santo Agostinho, vemos as coisas que devem ser *utilizadas* e coisas que devem ser *fruídas* (Agostinho, 2002, p. 34). Quando utilizamos uma coisa, não amamos essa coisa, mas, desejamos algo maior que está além dela. Quando *fruimos*, amamos a coisa pelo que ela é, ela se torna o objeto de nosso amor. No ato da desordem do amor está o tratamento do próximo como coisa. A desordem está no ato de utilizar o outro como trampolim para meus próprios objetivos egoístas. Se meu amor não está na ordem devida, utilizarei do próximo como recurso para a realização de meus objetivos, que ultrapassam o fim de amar o próximo. Estou observando além dele. Se desejo afeto e uso o próximo como “coisa que promove afeto”, o próximo deixa de ser meu fim de amar, passando a ser coisa e não mais fim de meu amor. “Fruir é aderir a alguma coisa por amor a ela própria. E usar é orientar o objeto de que se faz uso para obter o objeto ao qual se ama, caso tal objeto mereça ser amado. Ao uso ilícito cabe, com maior prioridade, o nome de excesso ou abuso” (Agostinho, 2002, p. 34).

Entretanto, ao *fruir* em algo, também podemos perder nossa orientação ao amor de Deus. Santo Agostinho compara nossa jornada na terra com peregrinos que estão a caminho de sua pátria, e podemos nos enganar em *suavidades* – espécies de ilusões. Essa enganosa *suavidade* pode nos alienar de nossa pátria, na qual teremos felicidade verdadeira.

Chegaremos a essa pátria se usarmos os bens terrenos de maneira correta. Isso acontece quando não *fruimos* nelas. Nesse sentido, há de se atentar que, para Santo Agostinho, podemos amar de forma ordenada nosso próximo, mas nosso amor real deve estar em direção a Deus, assim, amaremos a Deus e também ao nosso próximo em uma ordem correta.

Ora, esse verbo é concebido por amor. Pelo amor das criaturas, ou do Criador, ou seja, da natureza mutável ou da verdade imutável. Portanto, é concebido ou pela concupiscência ou pela caridade. Não se quer dizer, por aí, que a criatura não deva ser amada. Apenas que se esse amor for dirigido ao Criador não será concupiscência, mas caridade. Haverá concupiscência ao se amar a criatura pela criatura. Nesse caso não se aproveitará em nada ao que dela fizer uso, pois a criatura antes corrompe a quem dela goza (Agostinho, 1994, p. 181).

Portanto, observa-se que Santo Agostinho enfatiza a ordem do amor como um princípio fundamental para o desenvolvimento de uma virtude que orienta adequadamente o ato de amar, com o objetivo supremo de alcançar a caridade em Deus. Em suas *Confissões*, o bispo revela que a priorização excessiva do ego e a obsessão por si mesmo, desconsiderando os outros, o mundo e até mesmo a própria essência, são marcas da natureza caída do homem. Esse vício, que perturba a harmonia interna, obscurece a verdadeira compreensão da realidade e conduz à desordem do amor.

Outrossim, a ausência de amor pelo próximo é um reflexo da falta de amor a Deus. Este entendimento sublinha a necessidade de ir além de gestos superficiais de caridade e buscar uma entrega genuína pelo bem do outro. A verdadeira manifestação do amor ao próximo não apenas evidencia o amor dedicado a Deus, mas também reflete o amor por si mesmo, pois a forma como se ama o próximo revela a profundidade do amor que se tem. Assim, a incessante busca por uma imagem idealizada de si mesmo simboliza a tragédia da desordem do amor-próprio, resultando na alienação da verdadeira felicidade. Esta só pode ser alcançada por meio de um amor orientado para Deus, que, conseqüentemente, se estende ao amor pelo próximo. Este alinhamento do amor segundo a ordem divina não apenas restaura a harmonia interior, mas também proporciona uma compreensão mais autêntica e plena da realidade, permitindo a verdadeira realização e felicidade.

4. *Splendor Caritatis*

Santo Agostinho direciona toda a potência humana para o amor de Deus. Para ele, este é o fim da Criação. A jornada dos homens é a sua aproximação a Deus; um retorno à sua pátria, como supracitado. Esse retorno é de natureza, pois, se o homem — e todas

as coisas — foram criados por Deus, nosso destino é retornar ao Criador. É um ato de potência natural retornarmos à nossa essência criadora. Para o bispo de Hipona, o fato de Deus ter criado todas as coisas mediante Sua Luz já é um ato de plena bondade criadora.

Tu as criaste, não por ter necessidade delas, nem para aumentar tua felicidade, mas levado pela plenitude de tua bondade, comunicando-lhes uma forma. Na tua perfeição, desagrada-te sua imperfeição; tu as aperfeiçoas para que elas te agradem, e não, com isso, aperfeiçoar a ti mesmo. (Agostinho, *Confissões*, IV, 2007, p. 145).

O amor de Deus, ou *splendor caritatis* (esplendor da caridade), revela-se na própria manifestação divina através da Criação, no aperfeiçoamento e na realização plena da vida, bem como no repouso da alma em Deus. A busca incessante pela verdade, como descrito por Santo Agostinho, reflete o desejo divino que permeia toda a narrativa de suas *Confissões*. O bispo perscruta o amor de Deus, que se revela em plena caridade de amar e sustentar Sua criação.

Percorri com os sentidos, como pude, o mundo exterior. Observei a vida de meu corpo e os meus próprios sentidos. Depois adentrei nas profundezas da memória em seus múltiplos domínios, tão maravilhosamente repletos de inúmeras riquezas; observei tudo isso, estupefato. Sem teu auxílio nada poderia distinguir, mas reconheci que nada disto eras tu. Em nenhuma dessas coisas que percorro consultando-te, não encontro lugar seguro para minha alma senão em ti; só em ti se reúnem meus pensamentos esparsos, sem que nada meu se aparte de ti. Às vezes, me fazes conhecer uma extraordinária plenitude de vida interior, de inefável doçura que, se chegasse à contemplação, não seria certamente compatível com esta vida. (Agostinho, *Confissões*, XL, 2007, p. 112).

Os sentidos e os sentimentos fazem parte desta busca. O amor de Deus, realizado plenamente na caridade, ordena o amor e conduz a plena felicidade. O mundo interior é ordenado nas emoções e nas ações de amor e de caridade; sendo esta um amor com propósito e *fruindo* de Deus e em Deus. Dessa maneira, há a ordem do amor na medida em que o mundo interior é reestruturado e conduzido ao amor das coisas, do próximo e do próprio Deus.

A tendência natural do ser criado é confrontada com o peso dos desejos egoístas e impulsionado pelo amor verdadeiro que é encontrado no Ser Transcendente. Santo Agostinho, desenvolve a ideia de um peso ser conduzido ao seu lugar específico, ao seu lugar “que lhe é próprio” (Agostinho, 2007, p. 147). O repouso é nosso lugar. O “peso” que nos conduz é o amor de Deus, uma caridade suprema.

As virtudes, adquiridas pelo aprimoramento das faculdades cognitivas e de um ordenamento do amor, desafiam a corrupção do coração, que é a raiz de onde o pensamento surge e é direcionado. Cultivar as virtudes, como a *Sapientia* (sabedoria) e *Prudentia* (prudência), contribui para uma compreensão das necessidades do próximo e, portanto, guia a prática da caridade com discernimento.

A caridade, nesse contexto, torna-se a expressão mais elevada do amor ao próximo, no ponto que encontra o seu esplendor, permeando tanto as ações quanto as intenções, e reflete a integração harmoniosa entre a cognição e as disposições do coração. Ao cultivar virtudes, o homem não apenas aprimora suas capacidades formativas, mas também molda seu caráter de maneira a refletir a caridade. A caridade, como a mais sublime virtude, é a expressão máxima do cultivo virtuoso.

Destaca-se que a caridade se concretiza na prática da vida cotidiana do indivíduo religioso. Para que a caridade se manifeste adequadamente na prática religiosa, é necessário que haja relações sociais entre os indivíduos. A caridade, em seu esplendor, que é direcionada a Deus, deve também se refletir nas atividades diárias das práticas religiosas.

Dessa forma, compreende-se que a prática da ordem do Amor, conforme preconizado por Santo Agostinho, se concretiza em uma relação mútua de amor entre Deus e o homem, bem como entre o homem e o seu próximo. Essa prática não deve ser um meio egoísta para fins pessoais, mas uma expressão de amor genuíno, relevante e significativo para as interações do homem com o homem.

As práticas religiosas se manifestam nas dimensões do rito religioso, ou seja, as celebrações são realizadas em um contexto sagrado e especial. Esse contexto configura uma prática religiosa voltada para a preparação e edificação espiritual, proporcionando ao indivíduo a orientação necessária para viver uma vida de amor a Deus e ao próximo.

O núcleo da doutrina — do ensino religioso — é uma formação integral do indivíduo, que o conduz a uma *práxis* cotidiana alicerçada no amor a Deus acima de tudo, e que se reflete no contexto interno do indivíduo. O esplendor da caridade, em sua dimensão de amor a Deus, se manifesta após o processo de edificação e ensino, na celebração religiosa, e se perpetua na dimensão social do indivíduo religioso.

Com efeito, não haverá caridade sem a aproximação do indivíduo a Deus e a manifestação desse amor na vida coletiva do *Homo Religiosus*, conforme destacado por Mircea Eliade em sua obra *O Sagrado e o Profano* (Eliade, 1992). Isto é, o *Homo Religiosus* carrega a semente *numinosa*, a busca por Deus como vimos em Santo Agostinho, e essa busca se manifesta no encontro com o sagrado, que rapidamente se dissipa se não houver uma prática religiosa transformadora.

O supremo repouso se revela, então, como a manifestação prática do amor ao próximo, como um legado do sagrado emanado na sociedade, através da atuação do homem de fé em sua vida cotidiana — sempre irradiando amor ao próximo. Chegamos, desta maneira, a um estado no qual o “repouso da alma”, em Santo Agostinho, se entende como uma obra de atuação. Em suma, pode ser visto em uma dimensão de aparente paradoxo, pois se estou em repouso, não posso atuar. No entanto, é possível compreender que nosso repouso ao encontrar a verdade nos move em direção a uma ordem de amor que nos leva ao esplendor da caridade. A verdadeira atuação religiosa de amor e virtude surge dessa compreensão.

A virtude, portanto, é a chave para uma atuação sagrada, sacramentada e nobre. Atuar com virtude após repousar na verdade é a própria ordenação do amor no reconhecimento de Deus. Trata-se de um ciclo eterno de repouso e manifestação de amor.

Então também repousarás em nós, como hoje opera em nós; e o repouso de que gozaremos será teu, como as obras que fazemos são tuas. Mas tu, Senhor, sempre estás ativo e sempre estás em repouso. Tu não vês o tempo, não ages no tempo nem repousas no tempo; todavia, concede-nos que vejamos no tempo, fazes o próprio tempo e o repouso além do tempo. (Agostinho, *Confissões*, XXXVII, 2007, p. 160).

Destarte, o repouso da alma em Deus, de forma plena, é um estado futuro. Entretanto, a manifestação do *numinoso* prepara para a *caritas*. O homem religioso é afetado pelo tempo, enquanto Deus não é afetado por ele. Assim, a consolidação da plenitude da caridade ocorre no repouso pleno, pois é o encontro com o próprio Deus. Todavia, Deus não está limitado pelo tempo e já atua no presente. De forma que, apesar de limitados pelo tempo, os indivíduos despertam quando encontram a verdade e as virtudes que estão *fruindo* de Deus, iniciando um ciclo de repouso e atuação de caridade com o próximo. As obras realizadas, neste contexto, são de Deus. Essas obras são praticadas no tempo, em uma ação de amor ao próximo. O bispo Agostinho estabelece que o fim de toda Lei é a caridade. Seguindo esse sentido, entende-se que o objetivo da vida de um religioso, é a prática da caridade, que se manifesta na busca pela verdade.

Nessa diversidade de opiniões verdadeiras, que da própria verdade brote a concórdia! Que nosso Deus tenha compaixão de nós, para que usemos legitimamente da lei segundo o preceito que tem por fim a caridade pura. Por isso, se me perguntarem qual dessas opiniões foi a de teu servo Moisés, eu não seria coerente com minhas confissões se não te confessasse que o ignoro. Sei, contudo, que essas opiniões são verdadeiras, a não meras interpretações materialistas, sobre as quais já disse tudo o que pensava. São como meninos esperançosos aqueles que não temem as palavras do teu Livro, tão profundas em sua humildade, tão eloqüentes em sua concisão. Mas nós todos que, eu o declaro, distinguimos e dizemos a verdade sobre tais palavras, amemo-nos uns aos outros; e amemos igualmente a ti, nosso Deus, fonte da Verdade, pois temos sede, não de fantasias, mas da própria Verdade. Honremos a teu servo, que nos legou tua Escritura, cheio de teu espírito, e estejamos certos que, ao escrever as palavras que lhe revelaste, ele teve em mira as revelações mais salientes da verdade e seus frutos proveitosos. (Agostinho, *Confissões*, XXX, 2007, p. 142).

Levando em consideração a interpretação tomasiana, observa-se um amplo debate sobre a definição de virtude em Santo Agostinho. No livro *As Virtudes Morais* (Aquino, 2019, p. 25), Santo Tomás de Aquino explora detalhadamente a questão. Um aspecto singular de sua análise é a concepção da virtude como uma boa qualidade da mente, que promove uma vida reta e impede o mau uso das ações, sendo Deus quem age em nós de forma transcendente. Embora haja profundidade suficiente para além do nosso

foco, é importante ressaltar que, para Aquino, o ato da virtude é um promotor da caridade.

A virtude, como formadora do ser humano que busca agradar a Deus dentro da ordem do amor, é uma potência da caridade. Embora o debate filosófico sobre se a virtude é realizada por Deus em nós ou despertada pela força do hábito e da potência intelectual seja extenso, Santo Tomás de Aquino conclui que a virtude, nesse sentido, é essencial para a formação de um indivíduo que possui caridade. Em outras palavras, a virtude contribui para tornar o sujeito verdadeiramente bom?

Contudo, para que a virtude torne bom o sujeito, três coisas devem ser consideradas. O próprio sujeito: e isto se determina quando se diz da mente; porque a virtude humana não pode ser senão o que é do homem enquanto é homem. De fato, a perfeição do intelecto se designa nisto que se diz boa; porque o bem se diz segundo a ordem ao fim. No entanto, o modo de inerência se indica naquilo que se diz qualidade, porque a virtude não inere por um modo de paixão, mas pelo modo do hábito; como foi dito acima. No entanto, todas estas considerações convêm tanto à virtude moral quanto à intelectual, tanto à teológica quanto à adquirida e à infusa. Porém, o que acrescenta Agostinho, que Deus age em nós sem nós, corresponde apenas à virtude infusa (Aquino, 2019, p. 26).

Portanto, as virtudes, promovidas pelo intelecto, pelo hábito ou pela infusão, são, irremediavelmente, promotoras da caridade. É notório que Santo Agostinho, ao desenvolver a ordem do amor, não deixa de lado a importância da virtude para a prática desta. Também é importante destacar que Santo Tomás de Aquino, na análise de Santo Agostinho, revela que o tema da virtude é fundamental para entendermos se a virtude aumenta a capacidade do homem de amar e praticar a caridade, que é o objetivo desta análise.

Considerações finais

O amor é um tema fundamental em diversas áreas do conhecimento, pois abrange capacidades essenciais do ser humano. Como afirmava Santo Agostinho, é impossível não amar, já que o homem foi criado para isso. A verdadeira felicidade, portanto, reside em ordenar essa potência da alma que nos direciona a um fim, ao *telos* do ser. Não há neutralidade na transmissão de qualquer conhecimento, pois tudo está enraizado em um coração predisposto e criado para amar. Assim, cada indivíduo age conforme aquilo que ama, promovendo o que está arraigado em seu coração.

No campo das Ciências das Religiões, o aspecto religioso do amor, em termos mais gerais, está no transcendente que se manifesta no imanente, constituindo uma realidade substancial do amor que fundamenta as religiões no mundo e as práticas dos indivíduos em comunidade. Para que alguém possa aderir e acreditar em qualquer prática religiosa, é necessário que haja uma disposição do coração.

Este artigo fundamenta-se no estudo do amor segundo o pensamento do Santo Doutor do Amor, Agostinho de Hipona, especialmente em sua obra *Confissões*,

oferecendo ao leitor um relato íntimo do próprio coração do autor. Por meio de uma abordagem autobiográfica, ele explora o *eu*, sua alma, que foi concebida para amar e anseia encontrar repouso. Apresenta a doutrina do amor, expressa principalmente pela caridade, que é o amor ordenado a Deus, a si mesmo e ao próximo. pois tudo coopera para o seu funcionamento apropriado, já que foi criado com um propósito específico. Afinal, quem não deseja ser feliz? É através do amor que buscamos alcançar essa felicidade genuína, agindo em conformidade com a realidade e a ordem estabelecida. “Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos” (Agostinho, 1989, p. 151).

Isso implica que aquele que ama, quando guiado pela ordem do amor, age conscientemente em conformidade com a realidade. No entanto, a desordem do amor pode afastar o indivíduo de sua verdadeira essência e da busca pela felicidade genuína. A prática da caridade, então, é uma expressão do amor ordenado, refletindo a correta hierarquia dos afetos.

O esplendor do amor se manifesta nas virtudes que capacitam o ser humano a amar verdadeiramente, cultivando um caráter virtuoso. Esse amor ordenado não é apenas uma experiência individual, mas uma força poderosa que dá sentido à existência dos seres criados para amar. Manifestando-se em comunidade, na relação entre Deus e os homens.

Este trabalho mostrou como a filosofia de Santo Agostinho nos convida a refletir sobre a natureza do amor, sua ordem, e a verdadeira felicidade. A caridade emerge como a virtude que guia nossas ações e relacionamentos, promovendo a transformação não só do indivíduo, mas também da comunidade como um todo.

Referências

AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus Editora, 1994.

AGOSTINHO. **Confissões**. Edição digitada por Lucia Maria Csernik, 2007.

AGOSTINHO. **Comentário da Epístola de São João**. São Paulo: Paulus Editora, 1989.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Capítulo 12, verso 30. Versão Almeida Revista e Atualizada (ARA).

ELIADE, Mircea. 1992. **O Sagrado e o Profano** / Mircea Eliade [tradução Rogério Fernandes]. - São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MATTHEWS, Gareth B. **Santo Agostinho**: A vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

SILVA, Francisco Romário de Queiroz; FIGUEIREDO, Francisco Clébio. A noção de amor e suas implicações no pensamento agostiniano. **Problemata: revista internacional de filosofia**, João Pessoa/PB, v. 12, n. 1, 2001, p. 31-55.

TOMÁS DE AQUINO. **As Virtudes Morais**. Ecclesiae. Instituto Aquinate. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga, 2019.

SMITH, James K.A. **Você é aquilo que ama**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

Enviado em 30/01/2024
Aprovado em 15/08/2024